

XV CONGRESSO INTERNACIONAL HISTÓRIA DA LOUCURA, PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL XV INTERNATIONAL CONGRESS HISTORY OF MADNESS, PSYCHIATRY AND MENTAL HEALTH



A IMPORTÂNCIA DA ENCEFALITE LETÁRGICA NAS NEUROCIÊNCIAS DO SÉCULO XX

Rita Sousa Lousada^{1*}, Maria João Amaral*, Filipa Alves da Silva*

* Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental – Hospital Beatriz Ângelo, Lisboa, Portugal

1. Contacto: rita.sousa.lousada@hbeatrizangelo.pt

Introdução e objetivos

Em 1917, o neuropsiquiatra Constantin von Economo (1876 – 1931), apresenta à Sociedade Psiquiátrica de Viena uma forma particular de encefalite, maioritariamente caracterizada por **hipersónia, paralisia dos músculos oculares e febre**. Esta doença misteriosa, que chamou de **encefalite letárgica**, viria a ter um profundo impacto nas neurociências do século XX, nomeadamente no estudo do **sono**, do **parkinsonismo** e das doenças mentais, atribuindo-lhes uma localização orgânica cerebral ^{1,2}. Este trabalho tem como objetivo caracterizar o impacto da pandemia de encefalite letárgica na **neuropsiquiatria contemporânea**.

Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica não sistemática nas plataformas informáticas Google Scholar e PubMed recorrendo às palavras chave “encephalitis lethargica” e “psychiatry”.

Resultados

A encefalite letárgica emergiu numa forma epidémica, entre 1916 e 1927, na Europa e resto do mundo ^{3,4}. Esta foi a primeira pandemia a envolver o sistema nervoso central ⁵.

A fase aguda é marcada por um estado inicial de cefaleia e mal-estar generalizado, à qual se segue um estado peculiar de **sonolência excessiva**, persistente, geralmente acompanhado de paralisia parcial ou completa do **músculo oculomotor**. Pode evoluir rapidamente para a morte, manter-se inalterada durante semanas, ou, nos casos mais ligeiros, verificar-se uma recuperação total. Tendo em conta os resultados das autopsias e exames histopatológicos, von Economo localizou esta sintomatologia ao 3º ventrículo, onde verificou a infiltração celular da substância cinzenta, atribuindo a **sonolência a lesões no diencéfalo**, propondo a existência de um centro de regulação do sono neste local ¹.

Se o doente sobrevivesse à fase aguda, esta era seguida muitas vezes por sequelas crónicas. Na fase crónica surgia frequentemente **parkinsonismo** pós-encefalítico. A semelhança entre o parkinsonismo pós-encefalítico e o idiopático realçou a ideia de que não seria tanto o agente etiológico mas sim a **localização anatómica a explicar os sintomas parkinsonianos** ¹. A “hipótese nigra”, na qual a rigidez e o tremor da encefalite letárgica foram associados a lesões da **substância nigra**, surgiu em 1895, afirmando o papel desta região cerebral na fisiopatologia do parkinsonismo ^{1,5}.

O envolvimento psiquiátrico é dos mais proeminentes na encefalite letárgica. Na fase aguda foram descritas alterações da personalidade, labilidade emocional, alucinações, *delirium* e sintomas do tipo-catatonia. Na fase crónica, eram comuns as alterações mais marcadas da personalidade, do humor, comportamento obsessivo-compulsivo, catatonia e/ou psicose ^{1,5}. Na altura, a ocorrência de sintomas psiquiátricos chamou a atenção para a **base orgânica das doenças mentais**, verificando-se uma associação com lesões difusas subcorticais, nomeadamente nos gânglios da base. Por revelar que os sintomas psiquiátricos podiam ser **causados por lesões físicas no cérebro de pessoas previamente saudáveis**, a encefalite letárgica reduziu o fosso entre doenças orgânicas e funcionais ¹.

Conclusão: Como referido por von Economo, “*as gerações científicas futuras dificilmente vão ser capazes de apreciar as nossas **noções pré-encefalíticas** neurológicas e psiquiátricas (...). Agora, podemos descrever a **encefalite letárgica como uma perturbação funcional com uma base orgânica**. A aparente **contradição que isto poderia causar no passado deixa agora de existir**”*. Este foi assim um dos maiores contributos desta doença para o desenvolvimento das neurociências do século XX ¹.

Referências bibliográficas:

1. Lutters, B., Foley, P., & Koehler, P. J. (2018). The centennial lesson of encephalitis lethargica. *Neurology*, 90(12), 563-567.
2. da Mota Gomes, M. (2020). Encephalitis lethargica epidemic milestones in early sleep neurobiology researches. *Sleep Medicine*, 74, 349-356.
3. Martini, M., Brigo, F., & Orsini, D. (2023). The history of Encephalitis Lethargica: an Italian treatment for a still little-known disease. The experience of the Siena psychiatric hospital in the first half of the twentieth century. in a museum and archival research. *Confinia Cephalalgia et Neurologica*, 33(1), e2023002-e2023002.
4. Di Vito, A., Donato, A., Bria, J., Donato, F., & Donato, G. (2023). Encephalitis lethargica. What is still wrong?. *International Journal of Immunopathology and Pharmacology*, 37, 03946320231154997.
5. Shorter, E. (2021). The first psychiatric pandemic: encephalitis lethargica, 1917–27. *Medical Hypotheses*, 146, 110420.